

Economia Brasil 18 AGO 1985

Fim do monetarismo, segundo José Scheinkman

O monetarismo chegou ao fim. Esses economistas têm uma visão muito estreita e imediata sobre o que acontece na economia do País. É uma pena que muitos deles ainda estejam no atual Governo brasileiro.

Quem faz a afirmação é o Professor José Alexandre Scheinkman, carioca do Flamengo, 37 anos, único brasileiro e um dos dois latino-americanos que são professores titulares de economia da Universidade de Chicago, local considerado o maior celeiro do mundo, justamente de economistas monetaristas.

Os monetaristas — acusa Scheinkman — enfatizam e exageram demais os fenômenos monetaristas (efeitos da emissão de moeda e da compra ou venda de títulos públicos sobre a atividade econômica do País). Só isso não explica tudo o que ocorre na economia e as soluções muitas vezes estão fora desta órbita.

Scheinkman se define lo-

go como um neo-clássico, cuja teoria básica é a de que "cada pessoa maximiza seu próprio interesse", ou seja, busca o melhor retorno para a sua aplicação ou investimento. Por isso, muitas vezes, segundo Scheinkman e todos os neo-clássicos, ocorrem os "choques" de oferta ou de demanda, como o de petróleo em 1973, que acabou prejudicando a atividade econômica de muitos países, inclusive do Brasil, não tendo nada a ver com os chamados fenômenos monetaristas.

Nos Estados Unidos desde 1970, depois que se formou em economia pela Universidade Federal de Economia e em matemática pelo Instituto de Matemática Pura Aplicada, Scheinkman assumiu o cargo de professor titular de economia da Universidade de Chicago em 1973, com 32 anos. Mas assegura que nunca foi contaminado pelo vírus do monetarismo.

Todo mundo imagina que quem estudou ou é pro-



José Alexandre Scheinkman, 37 anos, único brasileiro que é professor titular de Economia em Chicago

fessor da Universidade de Chicago é um monetarista. E pior: imagina-se que quem passou por essa universidade pensa igual ao Milton Friedman (o mais conservador e notório economista monetarista de Chicago, hoje aposentado). Isso pode ter ocorrido em parte quando o Friedman era professor titular. Agora o panorama é outro.

Segundo Scheinkman, os monetaristas de Chicago, a maioria deles, tem hoje uma visão mais aberta de

todos os problemas e soluções econômicas. Esse comportamento, no entanto, ele não percebe nos atuais monetaristas brasileiros, que continuam conservadores, ortodoxos.

A imagem do Brasil, vista de fora para dentro, na opinião de Scheinkman e, segundo ele, da maioria dos banqueiros estrangeiros, é boa, no momento.

— A dívida externa brasileira — diz Scheinkman — esse ano ficará estável em US\$ 100 bilhões, o mesmo

valor do fim do ano passado. Os banqueiros estão recebendo religiosamente a parte dos juros dessa dívida. Então, não haverá problemas pela frente, e o Brasil poderá fechar um bom acordo com os banqueiros ainda este ano.

O que gera preocupação por parte dos banqueiros externos, observa Scheinkman, são os problemas internos do Brasil, que mais tarde poderiam prejudicar as exportações, e o próprio pagamento da dívida externa. Entre os problemas internos estão: o elevado déficit público (o déficit de caixa atingiu Cr\$ 35 trilhões de janeiro a julho desse ano), a inflação e as altas taxas de juros.

— O que se precisa atacar de imediato no Brasil, dentro de uma política a longo prazo, é a redução do déficit público. Certamente ainda há espaço para mais cortes, além do que já foi anunciado. Também há mais espaço para o Governo aumentar as suas receitas, através de impostos

(bens de capital, herança, excesso de riqueza). Isso permitirá que o Governo recorra menos vezes ao sistema financeiro para rolar a sua dívida, o que fará a redução das taxas de juros no mercado interno, estimulando novos investimentos por parte de empresas e gerando mais empregos.

Scheinkman não pensa em voltar definitivamente para o Brasil, apenas manter programada a sua vinda duas vezes por ano. Em Chicago, explica ele, como professor titular, tem sua vaga garantida para o resto da vida, e recebe um salário mensal hoje de US\$ 8,5 mil (Cr\$ 55 milhões), com o que pode viver apesar das sendo professor.

— Aqui no Brasil, para viver bem, o professor de economia tem que estar ligado, além da universidade, a mais uma ou duas empresas, prestando assessoria especial. Nos Estados Unidos não. Lá se pode viver bem, dedicando-se ao estudo e à pesquisa da economia.